

DOSSIÊ

Léxico e o ensino de língua

PROPONENTE

DRA. MICHELLE MACHADO DE
OLIVEIRA VILARINHO

Este dossiê apresenta uma recolha de artigos da linha de pesquisa Léxico e Terminologia, com aplicação no ensino de línguas.

- **ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DE DIÁLOGO DO CAMPO TEMÁTICO “MEIOS DE TRANSPORTE” NO LIVRO FESTIVAL**
Michelle Machado de Oliveira Vilarinho, Gabriel Marcos Silva Nascimento, Grazielle Rodrigues
- **UM ESTUDO DA METÁFORA NAS LÍNGUAS PORTUGUESA, JAPONESA E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**
Fausto Pinheiro Pereira, Rebeka da Silva Aguiar, Patrícia Tuxi dos Santos
- **ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIO: COMO CRIAR DEFINIÇÕES E SELECIONAR CONTEXTOS?**
Michelle Machado de Oliveira Vilarinho, Sthéfanie Mame Ribeiro
- **GLOSSÁRIO MULTILÍNGUE DE TRANSPORTES**
Ana Carolina Moreira da Nóbrega, Michelle Machado de Oliveira Vilarinho

Autores | Authors

Fausto Pinheiro Pereira*
fauspere@gmail.com

Rebeka da Silva Aguiar**
ebekasag@hotmail.com

Patrícia Tuxi dos Santos***
ptuxiinterprete@gmail.com

**UM ESTUDO DA METÁFORA NAS
LÍNGUAS PORTUGUESA, JAPONESA E
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS****A STUDY OF METAPHORS IN PORTUGUESE,
JAPANESE AND BRAZILIAN SIGN LANGUAGE**

Resumo: Neste artigo, objetiva-se mostrar que a metáfora atua na construção de conceitos linguísticos da Língua Portuguesa, da Língua Japonesa e da Língua Brasileira de Sinais. Sabe-se que a metáfora é um fenômeno linguístico que opera nas diversas línguas do mundo para formar sistemas conceituais. Nesse sentido, ela constitui o sistema cognitivo dos indivíduos, pois está impregnada nas práticas do cotidiano, desde a linguagem até ao pensamento e à ação no processo de categorização e codificação. Os dados que compõem este trabalho são de natureza empírica, tendo em vista que a proposta é apresentar um conjunto de vocabulário pertencente ao léxico das referidas línguas. Entende-se que a metáfora é um recurso linguístico que vai além da poética e da retórica, uma vez que ela se encontra nas diversas formas de codificar o mundo.

Palavras-chave: Metáfora, Língua Portuguesa, Língua Japonesa, Língua de Sinais Brasileira.

Abstract: In this paper, we aim to show that metaphors act towards the construction of linguistic concepts in Portuguese, Japanese and Brazilian Sign Language. It is known that metaphor is a linguistic phenomenon that acts upon several languages in the world to form conceptual systems. In this sense, it constitutes each individual cognitive system, since it is embedded in everyday actions, from language to thinking and towards action in the process of categorization and codification. The data included in this study are of empirical nature, considering that the proposition is to present vocabulary sets of the aforementioned languages. We understand that metaphor is a figure of speech that goes beyond Poetics and Rhetorics since it is found in several ways of codifying the world.

Keywords: Metaphor, Portuguese Language, Japanese Language, Brazilian Sign Language.

DOSSIÊ**Léxico e o ensino de língua****Proponente**

Dra. Michelle Machado
de Oliveira Vilarinho

INTRODUÇÃO

O ato de codificar é visto em todas as culturas. No entanto, algumas delas se diferenciam em relação a outras em alguns aspectos, principalmente no que se refere ao léxico e à gramática. Nesse sentido, a metáfora atua como um canal de referência, haja vista que a cosmovisão de uma cultura é definida por nuances que lhe são peculiares. Como resultado, as línguas apresentam uma riqueza de detalhes no vocabulário e na complexidade de suas gramáticas. Por

Aceito em: 14/01/2018

Recebido em: 19/07/2017

exemplo, no Brasil, considerado um país monolíngue, verifica-se, de acordo com a região, uma série de manifestações metafóricas para uma mesma situação comunicativa. Dessa maneira, os diversos falares de uma língua refletem comportamentos, atitudes, ideologias e conceitos de seus falantes.

Assim, observa-se que a criação e a criatividade lexical se ajustam ao mundo ontológico de cada cultura, pois a língua é o principal meio de apresentar a cosmovisão de um povo, transmitindo seus conhecimentos, suas práticas do cotidiano e suas ideologias. Nesse sentido, as línguas apresentam traços idiossincráticos, tanto que cada grupo linguístico elege palavras que representam seu universo nocional e cognitivo de maneira distinta. Dessa forma, as classificações tipológicas das línguas indicam que traços demonstram a identidade ontológica de um povo.

Por fim, como a criatividade lexical ocorre de maneira significativa em todas as línguas, pretendemos, neste artigo, descrever e analisar aspectos linguísticos das representações metafóricas da Língua Portuguesa do Brasil, da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Japonesa.

A CONCEITUAÇÃO DA METÁFORA

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a visão tradicional objetivista tem a metáfora como uma figura poética e retórica. Conforme Costa (2015), foi a partir da década de 1970 que Lakoff e Johnson, motivados pela contraposição da Linguística Cognitiva aos pressupostos gerativos, propõem a metáfora como conceito. Com base nessa visão, a metáfora, como entidade linguística presente no vocabulário comum do cotidiano, reflete saberes culturais tradicionais, ordinários e populares. Os autores apresentam a ideia da metáfora como uma representação do pensamento das experiências concretas para o abstrato. É a partir da relação “concreto e abstrato”, mediada pela experimentação social, que ocorrem os “domínios de experiência”.

Os domínios de experiência, que são dois, constituem o mapeamento de estrutura da metáfora. O primeiro, domínio-fonte, é o constituído no espaço do conhecimento real, concreto e vivenciado; o segundo, domínio-alvo, é o abstrato, que se concebe no pensamento.

Dessa forma, entende-se que esse mecanismo de transposição de significado está nas nossas práticas diárias, refletindo nosso sistema conceitual, de natureza fundamentalmente metafórica. Um exemplo é dizer que ‘discussão é guerra’ ou “Ele atacou os argumentos que eu tinha” (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Como as formas de expressão humana podem ser es-

truturadas sob o prisma da metáfora, é nesse sentido que podemos dizer que o sistema conceitual é metafórico. Segundo esses teóricos, não temos consciência dos mecanismos do nosso sistema conceitual, tendo em vista que, no cotidiano, nosso discurso se organiza de maneira mecânica ou automática.

Lakoff e Johnson (2002, p. 59 e 75) categorizam três tipos de metáforas: (a) metáforas estruturais “[...] casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro”; (b) metáforas orientacionais: “[...] não estrutura[m] um conceito em termos de outro, mas [...], ao contrário, organiza[m] todo um sistema de conceitos em relação a um outro”; (c) metáforas ontológicas, que se caracterizam por “[...] compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias [...]”, permitindo-nos “[...] selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme”. Desses três tipos de metáforas, categorizadas por esses pensadores, constatamos que metáforas estruturais e metáforas orientacionais são as que mais caracterizam nossos dados, haja vista que o significado metafórico nessas categorias se estrutura a partir da relação de um elemento com outro. No intuito de propor uma melhor visualização para o leitor deste artigo, abaixo descreveremos os tipos de metáfora que ocorrem em cada uma das línguas estudadas. É preciso visualizar, nos processos de análise das metáforas, a influência da cultura como um dos fatores de constituição da visão de mundo. Outro ponto que merece destaque é que as línguas possuem sistemas diversos: a língua japonesa e a língua portuguesa são ambas da modalidade oral-auditiva, mas com sistemas de registro diferenciados, e a língua de sinais – no caso, a Libras – é uma língua de modalidade viso-espacial.

METÁFORAS DE PLANTAS MEDICINAIS PELA VISÃO DOS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS

O sistema conceitual das plantas medicinais, por constituir um conhecimento popular e tradicional da Etnobotânica, perpassa saberes particulares que permeiam o pensamento cognitivo dos ribeirinhos amazônicos. Para Lakoff e Johnson (2002), as metáforas do cotidiano se estruturam de maneira automática, porque a metáfora está presente na cultura dos povos e evoca imagens que se fazem representar no léxico. As plantas medicinais fazem parte das práticas culturais, sociais e históricas das pessoas no tratamento e na cura das enfermidades desde a Antiguidade. Nas comunidades ribeirinhas amazônicas, percebemos que o conhecimento das plantas medicinais é considerado um saber tradicional, geralmente herdado da cultura indígena.

Nossas reflexões, portanto, conduzem à discussão de como o significado da nomenclatura de algumas das plantas medicinais é metafórico, já que, para os ribeirinhos, no recorte que fizemos, o vocabulário revela conceitos que lhe são peculiares.

Barbosa (1981, p. 120), por sua vez, está entre os autores que estabelecem de forma mais direta a relação entre léxico e cultura de uma determinada comunidade linguística:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura no sentido antropológico, sua civilização; e compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário seja reflexo de alterações culturais.

O léxico também representa a cultura de um povo, pois carrega nuances e características que são peculiares aos grupos linguísticos. É por essa razão que a língua varia de forma significativa de uma região para outra do ponto de vista lexical. Destacamos, contudo, que o léxico especializado também varia de uma região para outra, ou até num mesmo espaço linguístico pode haver variação linguística de um mesmo termo. Isso porque um mesmo significante pode assumir um significado no léxico comum, e outro no léxico especializado, principalmente por meio do discurso de vulgarização; neste caso, a nomenclatura das plantas medicinais.

Ainda segundo Biderman (2001, p. 13), o léxico não se constitui de forma aleatória: “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Isquierdo (2001), por sua vez, destaca que pesquisar uma língua é também estudar a cultura, já que o sistema linguístico, principalmente o léxico, é carregado de valores culturais, históricos e sociais que os indivíduos representam em suas práticas cotidianas, através de elementos que permeiam sua identidade. Isso se demonstra através de suas representações sobre o modo de vida, da arte de fazer, de produzir seu conhecimento e de expressar suas visões de mundo.

Abaixo, apresentamos um vocabulário das plantas medicinais¹. Para facilitar a compreensão, inserimos as imagens, bem como as definições.

1 Este vocabulário foi coletado na comunidade Nazaré Duruá, localizada no município de Manicoré – AM.



Unha-de-gato: Planta medicinal que serve para tonificar o sistema imunológico, tratar infecções crônicas, doenças degenerativas, fadiga crônica, febre glandular e infecção por herpes.



Crista-de-galo: Planta medicinal que serve para tratar golpes, hepatites crônicas e reumatismo.



Rabo-de-cavalo: Planta medicinal que serve para tratar diversos problemas genito-urinários, transtornos da bexiga, pedras nos rins, inflamação da próstata, fluxo vaginal e transtornos menstruais.



Escama-de-pirarucu: Planta medicinal que serve para tratar ferimentos, gastrite, inflamações e bactérias.



Maracujá-do-mato: Planta medicinal que serve para acalmar e relaxar para tratamentos cardíacos.



Catinga-de-mulata: Planta medicinal que serve para tratar vermes intestinais, menstruação, taquicardia, epilepsia, asma, gota, histerismo, reumatismo, bronquite, dismenorreia, dores musculares, articulares reumáticas.



Cordão-de-frade: Planta medicinal que serve para tratar asma, bronquite, fraqueza, reumatismo, gases, cistite, ácido úrico, febre, dor no abdômen, problemas no estômago, malária, nevralgia, espasmos.



Quiabo-de-angola: Planta medicinal que serve para tratar febre emoliente estomáquico.



Sangue-de-cristo: Planta medicinal da Amazônia cujas flores infusas são utilizadas para o tratamento de insônia.

Essas representações metafóricas demonstram o conhecimento empírico de uma comunidade de ribeirinhos localizados na região sul do Estado do Amazonas. Para os ribeirinhos, sangue-de-cristo indica uma planta com propriedades farmacoterápicas e fitoterápicas. Essa planta pode ser desconhecida de outras comunidades, mas para esse grupo social amazônico

caracteriza uma planta com propriedades específicas para o tratamento de alguma doença.

A planta unha-de-gato, devido à semelhança visual com unhas de gato, configura-se numa relação estrutural entre domínios de fonte e destino. Nesse sentido, o conceito se constrói não a partir dos lexemas que estruturam a unidade, mas sobretudo pela experiência humana cotidiana que se reflete na cultura. O conceito de unha-de-gato também está relacionado aos espinhos em forma de gancho que crescem ao longo do galho e envolvem a planta.

Outro exemplo é crista-de-galo, conceito construído com base na metáfora, pois as flores lembram o formato da crista do galo. O mesmo ocorre para rabo-de-cavalo, que também é uma representação imagética do rabo do cavalo. Escama-de-pirarucu, outra planta muito utilizada pelos ribeirinhos da Amazônia, possui um formato semelhante à escama do peixe pirarucu.

Maracujá-do-mato é uma planta medicinal encontrada com frequência em florestas virgens. No entanto, tem o mesmo formato do maracujá comum, diferenciando-se apenas pela cor da casca e da polpa.

Cordão-de-frade e quiabo-de-angola são unidades que apresentam conceitos semelhantes aos objetos-base. O primeiro faz referência ao cordão que faz parte das indumentárias de um frade, enquanto o segundo faz referência à cabeça da galinha-d'angola. Por fim, catimba-de-mulata é uma planta que, quando esmagada, emite um odor muito forte. Nesse caso, observamos forte conceito ideológico.

A codificação dessas plantas denota que o conceito se constitui a partir da experiência humana. Nesse sentido, Ilari *et al.* (2015, p. 184) nos esclarecem:

Um dos pressupostos do cognitivo é que a linguagem é formatada pela cognição humana, que por sua vez busca recursos nas percepções características da espécie (a visão e a audição do ser humano são diferentes das dos cães, por exemplo), nas experiências motoras básicas de que somos capazes (por exemplo, de deslocamento no espaço, de transferência e de aproximação de objetos, de superação de obstáculos etc.) e nas experiências culturais.

Esses dados indicam que a metáfora está impregnada no léxico, demonstrando que os conceitos são construídos a partir de uma realidade social e cultural a que pertencem os sujeitos. Nesse aspecto, o domínio da conceitualização dessas plantas se localiza no contexto geográfico e histórico. Assim sendo, os conceitos dessas unidades só fazem sentido para esse grupo

social que está envolvido com tal atividade, até mesmo porque a metáfora é um elemento que se contextualiza no espaço, ou seja, se concretiza nos conceitos que já existem nos esquemas imagéticos do mundo real. Ela não surge aleatoriamente, mas sobretudo na realidade existente que denota as experiências motoras e imagéticas. É nesse sentido que as palavras se lexicalizam, construindo novos conceitos por meio de outros já existentes.

Portanto, categorizar é um processo mental de classificação do universo conceitual. Em princípio, o conceito é a representação cognitiva do pensamento, enquanto que a visão enciclopédica é a experiência do sujeito com o mundo. Assim, o conceito cognitivo não é autônomo, uma vez que há dependência de outras entidades cognitivas humanas, como por exemplo, a experiência cultural.

METÁFORAS E METONÍMIAS NA LÍNGUA JAPONESA

Metáforas imagéticas e casos na Língua Japonesa

São as que têm maior caráter sensorial. Há casos em que o domínio-origem e o domínio-destino são iguais ou extremamente semelhantes. Nabeshima (2012) indica que a relação fixada entre domínios de origem e de destino são de natureza superficial, e uma análise mais detalhada permite perceber que os pontos de similaridade entre os dois domínios não são tantos quanto se imagina inicialmente. No exemplo abaixo, “dedos de peixe-branco” demonstra isso com clareza. À primeira vista, embora haja certo nível de semelhança superficial entre peixe (domínio de origem) e dedos finos e brancos (domínio de destino), uma análise mais profunda mostra que há mais diferenças que semelhanças.

O fato de muitas das metáforas encontradas ter sido incluída em dicionários gerais da língua (como o Daijirin², de ampla utilização no Japão), muitos dos casos listados a seguir são colocações já consagradas no léxico da língua japonesa, e podem ser consideradas unidades terminológicas complexas, tendo em vista a impossibilidade de substituição. O termo *nekoze* (‘costa de gato’) não poderia ser substituído por outro animal. Não obstante, isso não implica a inexistência de variantes, como o caso de *wata ame*, que admite a variante *wata-gashi* (ambas significando ‘algodão doce’).

2 Dicionário de uso comum, organizado por Akira Matsumura, com primeira edição em 1988.

a) Metáfora imagética de alta similaridade visual

Neste caso, temos grande similaridade entre o domínio de origem e o de destino, considerando-se a origem como um todo.³



白魚の指 **shirauo no yubi** edos de peixe-branco (salagídeo)
Forma de exemplificar dedos finos e brancos de uma mulher.
Fonte: Daijirin



綿あめ **wata ame** doce de algodão Equivale a 綿菓子 **watagashi**. Doce que se assemelha a algodão enrolado.
Fonte: Daijirin
綿菓子雲 [**watagashigumo**] 'Nuvem de algodão-doce'.

氷砂糖 **oorizatô** açúcar-gelo
Açúcar de boa qualidade, derretido e cristalizado. Tem forma de bloco, placa ou cilindro. Utilizado como doce ou adoçante de *umeshu* licor de ameixa.
Fonte: Daijirin

目玉焼き **edama yaki**
olho frito/assado.
Prato feito com um ou dois ovos partidos sobre uma frigideira e assados.
Fonte: Daijirin

b) Metáfora imagética seletiva

Em contraste com o caso anterior, este tipo de metáfora tem como domínio de origem apenas parte do referente, uma característica mais marcante deste, sem considerar sua totalidade.



大根足 **Daikon ashi** ernas de rabanete-japonês
Palavra utilizada para ridicularizar pernas grossas de uma mulher
Fonte: Daijirin



わし鼻 **washibana** nariz de águia Nariz encurvado, com proeminência do osso

c) Metáfora imagética por perspectiva

Neste caso, verifica-se a abstração que permite a analogia entre características do domínio-origem. No caso abaixo, *nekoze*, a analogia é feita entre a curvatura das costas de um

gato, mas não há a imagem de que as costas humanas de fato se curvem como as de um gato.



猫背 **nekoze** costas de gato
Postura em que as costas se curvam arredondadas, e o pescoço se projeta para a frente. Ou ainda, pessoa nesa postura. Fonte: Daijirin

d) Metáfora imagética por esquematicidade

Há vários casos de esquematização de alto nível de imagens. A metaforização deriva de características de partes ou aspectos do domínio-origem. Além disso, Nabeshima indica a inclusão de juízos de valoração na composição do esquema (*chôchin sode*: neutro, *sushizume* e *takoashi haisen*: negativo).



提灯袖 **chôchin sode** manga de lanterna Manga com boca fina e corpo abaulado.



蛸足配線 **takoashi haisen** distribuição de fios como patas de polvo Vários objetos saindo a partir de um único local.
Fonte: Daijirin



すし詰め **sushizume** embalado como sushi Muitas pessoas ou coisas comprimidas sem espaço. ~教室[~kyôshitsu] sala de aula de ala de aula apertada.
Fonte: Daijirin

e) Metáfora imagética com inclusão sensorial

Lakoff (1987, p. 444 apud Nabeshima) afirma que o termo imagem não se refere apenas a imagens visuais, incluindo também imagens auditivas, olfativas e táteis. O termo *mochi hada*, por exemplo, inclui, além do elemento visual, a sensação de suavidade e maciez como base para a formação da metáfora imagética.



たらこ唇 **tarako kuchibiru** lábios de tarako (salsicha de ovas de bacalhau)



餅肌 **mochi hada** pele de mochi (bolinho de arroz) Pele lisa e macia, branca como um *mochi* recém preparado.
Fonte: Daijirin

3 As definições foram extraídas do dicionário Daijirin e traduzidas para o português.



桜貝の爪 **sakuragai no tsume**
unhas de concha-cerejeira
Unhas lisas e róseas.

Metáforas envolvendo sentimentos

Sentimentos como água

Positivos

a 勇気があふれる・満ちる [yûki ga afureru / michiru]
“coragem transborda/preenche”
Ficar cheio de coragem.

Negativos

b 不満があふれる・満ちる・こぼれる・漏れる・溜まる
[fuman ga afureru/michiru/koboreru/moreru/tamaru]
“preocupação transborda/preenche/derrama/vaza/acumula”
Ser perturbado por preocupações.

Sentimentos como cor

a 感情・気持ち澄む・濁る

[kanjô/kimochi ga sumu/nigoru] “emoção/sentimento
clareia/escurece”
As emoções/sentimentos ficam claras/sombrias.

b 黒い嫉妬・不満

[kuroi shitto/fuman] “inveja/inquietação negra”

c 燃え上がる勇気

[moeagaru yûki] “coragem incandescente”

d 赤々とした闘魂

[aka'aka to shita tôkon] “espírito de luta avermelhado”

Metáforas de imitação do ser humano

Características humanas em entidades abstratas

a 業界の動向はアップル社の双肩にかかっている。[-
gyôkai no dôkô wa appurusha no sôken ni kakatteiru.]
“O rumo do mundo de negócios está sobre os ombros da
empresa Apple.”

b エネルギー危機から生まれた数々の問題 [enerugiikiki
kara umareta kazukazu no mondai]
“Diversos problemas nascidos dos riscos energéticos”.

c 市場自由競争がロシア通信市場を育てた [shijô jiyû
kyôsô ga Roshia tsûshin shijô wo sodateta]

“A competitividade de mercado livre desenvolveu o merca-
do de comunicações russo”.

d 彼の死は、その後の議論を誘った [kare no shi wa, sono
ato no giron wo sasotta]

“A morte dele convidou a discussões posteriores”.

e プロジェクトが、一歩一歩ゆっくと進む [purojekuto
ga, ippoippo yukkuri to susumu]

“O projeto prossegue passo a passo”.

f 結婚話が進む [kekkonbanashi ga susumu]

“Os diálogos sobre o casamento prosseguem”.

g プロジェクトのゴールは目の前だ [purojekuto no gôru
wa me no mae da]

“O objetivo do projeto está diante de nossos olhos”.

h 今にも泣き出しそうなそら [ima nimo nakidashisô na
sora]

“Um céu que parece que vai começar a chorar a qualquer
momento”.

i コンピュータの機嫌が悪い [konpyûta no kigen ga warui]

“O computador está de mal humor”.

j 貧困と争う [kon'in to arasou]

“Lutar contra a pobreza (solucionar o problema)”.

k 爆発する危険性が潜んでいる [bakuatsu suru kikensei
ga hisondeiru]

“O risco de explosão se esconde (abaixo da superfície /
nossa vista)”.

l 恐怖に襲われる [kyôfu ni osowareru]

“Ser atacado pelo medo”.

Casos especiais da língua japonesa

A língua japonesa diferencia expressões que podem ou não ser aplicadas a seres vivos. No ensino tradicional da língua japonesa, ignorar tal noção é considerado erro. A metáfora, entretanto, permite a utilização de expressões exclusivas a seres vivos para objetos, como veremos a seguir.

a) Verbos de existência iru/aru

O par de verbos *iru* e *aru* em japonês indicam a existência ou posição. O primeiro se aplica a pessoas e animais, mas não a plantas. O verbo *aru* é aplicado para os outros casos. A utilização do verbo *iru* para carro implica em metonímia, onde carro atua como extensão do motorista que o utiliza. Daí a impossibilidade de utilizar o verbo para se referir a objetos, como o caso de carro quebrado.

あそこに犬がいる [Asoko ni inu ga iru] "Ali há um cachorro"	あそこに犬の人形がある [asoko ni inu no ningyô ga aru] "Ali há um boneco de cachorro"
あそこに車がいる [Asoko ni kuruma ga iru] "Ali há um carro"	あそこに車がある [Asoko ni kuruma ga aru]
*あそこに壊れた車がいる [*Asoko ni kowareta kuruma ga iru]	あそこに壊れた車がある [Asoko ni kowareta kuruma ga aru] 'Ali há um carro quebrado'

b) Sufixo de plural たち [tachi]

Originalmente o prefixo *tachi* só era utilizado em pessoas, com posterior utilização em animais, como nos casos a e b. Os casos c e d não são possíveis originalmente, podendo ser considerados erro de acordo com a perspectiva.

a 鹿たちがせんべいめがけかけていく "Os cervos vêm em busca de biscoitos"
b 海に舞う鳥たち "Aves dançando sobre o mar"
c それは重たそうに狂い咲く桜たちの下。 "Sob as cerejeiras que desabrocham pesadamente fora de estação"
d 『高度1万メートルから見た雲たち』 "Nuvens vistas de dez mil metros de altura"

METÁFORAS NA LÍNGUA DE SINAIS

Iconicidade e língua de sinais

A marca de iconicidade, que as línguas de sinais apresentam em sua estrutura, foi por muito tempo um elemento de desqualificação da língua. Diversos foram os estudiosos, linguistas e pesquisadores de línguas orais que classificavam as línguas de sinais como gestos ou mímicas feitos por surdos como uma forma básica de comunicação.

Esse conceito muda a partir de 1960 com as pesquisas desenvolvidas por Stokoe (1960). Ao analisar a estrutura da

Língua de Sinais Americana (ASL), Stokoe (1960) demonstrou que as línguas de sinais têm um status linguístico comum às demais línguas. Trata-se, portanto, de uma língua natural.

A iconicidade das línguas de sinais é um parâmetro conceitual que resulta da sua modalidade de língua, a visoespacial. A palavra "viso-" indica que o seu reconhecimento se dá pela visão, pela forma que ocupa um espaço. É a partir dessa representação do mundo pela iconicidade conceitual que a construção da língua se estabelece com representações. Entre essas representações, é possível analisar a metáfora pela iconicidade, que representa a percepção das coisas do mundo e da cultura que permeia a língua.

Metáforas orientacionais na língua de sinais

Apresentaremos na Figura a seguir os sinais de sentimentos, tais como depressão, raiva e alegria, esquecimento e ódio em LIBRAS.

Figura 1: Sinais



Sinal de depressão
Metáfora orientacional:
PARA BAIXO



Sinal de raiva
Metáfora orientacional:
DENTRO



Sinal de alegria
Metáfora orientacional:
FORA



Sinal de esquecer
Metáfora ontológica:
MENTE



Sinal de ódio
Metáfora estrutural:
PARA FORA

Fonte: OS AUTORES⁴

Os resultados dessa amostra apresentam como a língua de sinais se constitui conceitualmente por meio de uma representação de mundo e da leitura do mundo pela compreensão icônica dos eventos. Esta elaboração do que “é o mundo” não é feita apenas de imagens e representações de cópias dos eventos, mas sim de uma percepção de que a língua é constituída e compreendida por meio da cultura e do social.

CONCLUSÃO

O ato de categorizar e codificar são processos cognitivos que exigem do ser humano capacidade intelectual para organizar, nomear e agrupar, separar; enfim, é a categorização que institui a sociedade da forma tal como temos hoje. Concluímos que são as categorias que ordenam o mundo, tanto que já estamos condicionados a esse processo, que nos é inerente desde quando temos nossas primeiras experiências espaciais como criança. Isso porque quando vamos à escola, pensar o mundo em categorias é uma das primeiras coisas que acontecem conosco, pois ao aprendermos a ler e a escrever os nomes da nossa família, brinquedos, animais, frutas, meios de transporte, sistema solar, alimentos, estamos categorizando nossas experiências.

⁴ As imagens foram criadas para o fim desta pesquisa.

Na Linguística Cognitiva, os esquemas imagéticos se estruturam no conceito mental, que é indissociável do conhecimento da realidade. Em princípio, o conceito é a representação cognitiva do pensamento enquanto que o conhecimento da realidade é a experiência do sujeito com o mundo. Portanto, o conceito cognitivo não é autônomo, uma vez que há dependência de outras entidades cognitivas humanas, como por exemplo, a experiência corporal que resulta na parametrização das categorias que ordenam o mundo.

Portanto, o processo de codificação leva à lexicalização, que é o corte da nossa realidade, ou seja, um fluxo contínuo entre percepção e manifestação metafórica. Nessa perspectiva, a metáfora constrói as diferenças linguísticas entre as línguas. Assim, os provérbios, as expressões idiomáticas, as unidades terminológicas, as plantas medicinais são vocabulários específicos de cada língua, que expressam conceitos de acordo com a percepção, a experiência e a memória compartilhada, que são guiados pela reflexão e pela análise. Em suma, o ato de categorizar, codificar e nomear se constrói no léxico, conforme os interesses do conhecimento da sociedade, pois integra seus objetivos e seus métodos para registrar o conhecimento e a visão de um povo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- COSTA, Josiane Marques da. **Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2015.
- FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva *versus* modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: Heloisa M. M. Salles. (Org.). **Bilinguismo dos Surdos**: Questões Linguísticas e Educacionais. 1ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007, v. 1, p. 143-157.
- ILARI, R. *et al.* A preposição. In: ILARI, Rodolfo (Org.) **Palavras de classe fechada**: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. KLEIBER, Georges. *La Semântica de los prototipos: categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor Libros, 1985.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MATSUMURA, A. (Org.). **Daijirin** (Grande bosque de palavras). Tóquio: Sanseidō, 3. ed., 2006.

NABESHIMA, K. **Nihongo no metafáa** (Metáforas da língua japonesa). Tóquio: Kuroshio, 2012.

CURRÍCULOS

* Possui graduação em Licenciatura em Letras – Japonês pela Universidade de Brasília (2001) e mestrado em Ensino da Língua Japonesa – Tokyo University of Foreign Studies (2007). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística, Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia. Ingresso em 2015) e professor assistente da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Japonesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Terminologia, Lexicografia, Língua japonesa, Tradução, Ensino de línguas, Paremiologia e Onomatopeias.

** Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC, 2014). Especialista em Estudos Literários e Língua Portuguesa pela Faculdade de Rondônia (2013). Possui Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM, 2010) e Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA, 2009). Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa e Metodologia do Trabalho Científico para os cursos de Letras, Pedagogia, Biologia, Química, Matemática, Física, Ciências Contábeis, Administração e Psicologia.

*** Professora Adjunto I do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília/UnB e mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisas na área de Léxico

e Terminologia da Língua de Sinais. Tem experiência na área de Tecnologia e Linguagens, Lexicografia e Terminografia das línguas de sinais, formação para profissionais na área de ensino de Libras e formação e profissionalização de intérpretes de Língua de Sinais na esfera de conferências e na esfera educacional. Membro pesquisadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro LexTerm da UnB, membro do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras da UnB e membro do Grupo de Ensino de Libras – Língua Brasileira de Sinais do Instituto Federal de Brasília – IFB, cadastrado pelo CNPq.